

**Memória e testemunho em *Meus Verdes Anos*, de José Lins do Rego****Memory and witness in *Meus Verdes Anos* by José Lins do Rego**Francisco Edinaldo de PONTES<sup>1</sup>**Resumo**

O objetivo do presente artigo consiste em fazer uma breve análise a respeito das memórias e testemunhos presentes no romance *Meus Verdes Anos* (2011), de José Lins do Rego. Além disso, pretendemos mostrar como a memória e o testemunho presentes na obra em estudo colaboram para revisitarmos, resgatarmos e remontarmos o quadro de lembranças e memórias de um determinado recorte sócio, histórico, político e cultural que, outrora, em partes, foi relegado ao esquecimento; e com isso, compreendermos com mais clareza os fatos que compõem a História através da Literatura. Como aporte teórico, contamos com as contribuições de Bosi (1994); Farge (2011); Fávero (2001); Halbwachs (1990); Le Goff (1990); Pollak (1992); Ricoeur (2007); Santos (2013); e, Silva (2013). Em conclusão, constatamos que, o autor fez da sua obra não somente um repositório de suas memórias e dos seus testemunhos pessoais, configurando o seu romance não apenas como uma escrita de si, mas também, como uma escrita do outro.

**Palavras-chave:** *Meus Verdes Anos*. Literatura. História. Memória. Testemunho.

**Abstract**

This paper aims to do a brief analysis about the memories and the witnesses presented in the novel *Meus Verdes Anos* (2011) by José Lins do Rego. Furthermore, we intend to show how the memory and the witness presented into the work studied collaborate to revisit, rescue, and to date back to memories and remembrances' framework of a social, historical, political, and cultural cutout that, in olden days, in parts, it was relegated to the forgetting; and with this, to understand clearly the facts which compuse the History through the Literature. As a theoretical basis, we have relied on the contributions by Bosi (1994); Farge (2011); Fávero (2001); Halbwachs (1990); Le Goff (1990); Pollak (1992); Ricoeur (2007); Santos (2013); and Silva (2013). In conclusion, we have noticed that, the author made of his work not only a repository of his personal memories and witnessess, configuring his novel not just as a writing about himself, but also, as a writing about others.

**Keywords:** *Meus Verdes Anos*. Literature. History. Memory. Witness.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Literatura e Interculturalidade (PPGLI/UEPB). Membro do Grupo Interdisciplinar de Estudos Literários Lusófonos (GIELLus/UEPB/CNPq). E-mail: edinaldopontesacademico@gmail.com

## Introdução

Com o intuito de registrar, seja por meio da escrita técnica, ensaística ou ficcional, o ser humano desenvolveu o hábito da escrita em diários, cujos registros não só comportam informações pessoais, mas também, marcos históricos vividos tanto individualmente, quanto por um grupo ou por uma nação – sendo esses fatos históricos, na concepção de Michael Pollak (1992, p. 201), denominados como “acontecimentos vividos por tabela”. A exemplo de obras como essas que ganhou espaço na literatura de autoficção, consiste no *Diário de Anne Frank* (1947), obra que é intitulada com o nome da própria autora, em que a escritora alemã Anne Frank (1929-1945), de origem judia e vítima do Holocausto (1941-1945), registra suas memórias e testemunhos – mesmo em confinamento – a respeito das atrocidades sofridas por muitos judeus durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Em âmbito nacional, temos obras de cunho semelhante no que diz respeito ao relato autobiográfico, e que, de certa maneira, tornaram-se monumentos da Literatura Brasileira que registraram diversos marcos sócio, histórico, político e culturais do Brasil, a saber: *Memórias do Cárcere* (1953), de Graciliano Ramos; *Memórias de um Sobrevivente* (2001), de Luiz Alberto Mendes; *Becos da Memória* (2006), de Conceição Evaristo; *Quarto de Despejo* (1960) e *Diário de Bitita* (1986), de Maria Carolina de Jesus; *Menino de Engenho* (1932) e *Fogo Morto* (1943), de José Lins do Rego; *O irmão alemão* (2014), de Chico Buarque; dentre outros títulos que ilustram bem as memórias e os testemunhos de um determinado povo ou nação, sejam eles vividos individualmente ou “por tabela”, como apontado por Michael Pollak (1992).

Diante do exposto, sob a perspectiva dos estudos sobre literatura, história, memória e testemunho, o objetivo do presente artigo consiste em fazer uma breve análise a respeito das memórias e testemunhos presentes em *Meus Verdes Anos* (2011), de José Lins do Rego. Além disso, pretendemos mostrar como a memória e o testemunho presentes na obra em estudo colaboram para revisitarmos, resgatarmos e remontarmos o quadro de lembranças e memórias de um determinado recorte sócio, histórico, político e cultural que, outrora, em partes, foi relegado ao esquecimento; e com isso, compreendermos com mais clareza os fatos que compõem a História através da Literatura.

## As memórias individual, coletiva e histórica em *Meus Verdes Anos*: algumas notas

Como já elucidado na “Introdução”, a obra em estudo, de acordo com José Castello (1961) e Afonso Fávero (2001), se trata de um romance autobiográfico, especificamente, a respeito da infância do escritor modernista e regionalista paraibano, José Lins do Rego. A história é narrada em primeira pessoa, pelo protagonista Dedé – apelido de infância de José Lins –, que tece sobre as suas mais longínquas lembranças, resgatando, para início do romance, a memória da morte de sua mãe, Amélia, e do seu primo, Gilberto; de quem, segundo o narrador-personagem, ele era mais próximo do que dos demais parentes. Desse modo, vale salientar que, apesar de o personagem central dar abertura para outros personagens suas memórias e testemunhos, a maioria dos fatos são contados sob a perspectiva de Dedé. A partir disso, o protagonista narra sobre a sua infância na condição de órfão de pai e de mãe, ficando, conseqüentemente, sob os cuidados do seu avô materno Bubu (o Coronel José Lins Cavalcanti de Albuquerque), e das suas duas tias, Maria e Naninha; exercendo essas últimas, o papel de mães adotivas do garoto.

Não obstante, a forma como José Lins do Rego escreve o seu romance denuncia a técnica memorialística com a qual ele tece a sua obra. Além de memorialística, a narrativa configura-se, também, como o que Jacques Le Goff, em *História e Memória* (1990), chama de “monumento”. Pois, “José Lins é o guardião de um repertório de histórias do passado, que preservou na memória, como herança para as futuras gerações, no sentido de erigir um monumento de grande valor ético” (SANTOS, 2013, p. 127); confirmando, por conseguinte, o que vemos na dedicatória do seu romance: “Ao meu neto José, para que este livro lhe seja, no futuro, uma lição de vida” (Cf. REGO, 2011, [s.p.]).

Mas, para o início da nossa discussão, é necessário expormos o que Jacques Le Goff (1990) salienta sobre o *leitmotiv* do presente tópico, “a memória”:

O conceito de memória é crucial. Embora o presente ensaio seja exclusivamente dedicado à memória tal como ela surge nas ciências humanas (fundamentalmente na história e na antropologia), e se ocupe mais da memória coletiva que das memórias individuais, é importante descrever sumariamente a nebulosa memória no campo científico global [...] (LE GOFF, 1990, p. 424).

Dessarte, no prefácio de *Meus Verdes Anos* (2011), o próprio autor da obra salienta sobre a configuração das memórias que compõem o romance: tanto as

autobiográficas quanto as coletivas e as históricas. “Pus nessa narração o menos possível de palavras para que tudo corresse sem os disfarces retóricos. E assim não recorri às imagens para cobrir uma realidade, às vezes brutal” (REGO, 2011, p. 17-18). Visto que, além de narrar a respeito de sua própria vida puerícia nos engenhos Corredor, Maçangana e Pilar, ele também nos presenteia com as memórias que constituem um quadro sócio-histórico do seu contexto, tendo em vista que, narrar é sobreviver através da memória.

Dessa forma, com relação ao exposto anteriormente, vemos a confirmação do projeto memorialístico de José Lins no seguinte excerto extraído do prefácio de sua obra, quando ele afirma:

Fiz livro de memória com a matéria retida pela engrenagem que a natureza me deu. Pode ser que me escape a legitimidade de um nome ou de uma data. Mas me ficou a realidade do acontecido como o grão na terra. A sorte está em que a semente não apodreça na cova e que o fato não tenha o pobre brilho do fogo-fátuo. É tudo o que espero dos ‘verdes anos’ que se foram no tempo, mas que ainda se fixam no escritor que tanto se alimentou de suas substâncias (REGO, 2011, p. 18).

De acordo com o fragmento, o romancista nos adverte sobre a possibilidade de esquecer algum nome ou data específico que compõe o quadro da memória sócio-histórica-político e cultural que uma obra memorialística detém; visto que, de certo modo, nos faz lembrar sobre o que Paul Ricoeur, em *A memória, a história e o esquecimento* (2007) afirma, quando ele argumenta que é na tensão entre a memória dos eventos, a consciência dessa memória e a seletividade que se dá nesse tipo de fonte que o teórico chama de “esquecimento”. Corroborando, também, com as concepções de Maurice Halbwachs, em *Memória Coletiva* (1990), no momento em que ele fala a respeito da “seletividade da memória”. Então, para Paul Ricoeur (2007), o esquecimento consiste na seletividade da memória. Tendo em vista que, o filósofo tentou encontrar linhas de raciocínio e de compreensão da realidade na nossa construção narrativa.

Destarte, levando em consideração o trecho acima extraído do prefácio do romance e o que Maurice Halbwachs (1990) fala sobre a memória seletiva, o teórico, portanto, a denomina também como memória autobiográfica e memória histórica, quando ele afirma que: “Só conseguimos falar sobre a memória de um grupo, caso este esteja associado a um corpo ou a um cérebro individual”. [...] é no quadro de sua personalidade, ou de sua vida pessoal, que viriam tomar lugar as suas lembranças [...]” (HALBWACHS, 1990, p. 52-53). É o que, de certa maneira, José Lins do Rego (2011), afirma no prefácio da sua obra.

Então, é no bojo dessa discussão que percebemos a necessidade que o narrador-protagonista sente em recorrer às memórias do grupo ao qual ele pertence, para com isso, conseguir compor a obra memorialística. Pois, como discutimos acima, não se trata de um romance que relata apenas as aventuras, as alegrias e as tristezas vividas por Dedé enquanto infante, mas também, sobre as memórias dos que compunham o seu grupo – o seu quadro de memórias, segundo Maurice Halbwachs (1990) –, bem como, os demais sujeitos que visitavam o engenho Corredor e os que representavam a Paraíba canavieira da primeira metade do século XX.

Nesse sentido, um exemplo claro sobre essa necessidade de recorrer à memória dos que integram o seu grupo, para assim, conseguir compor e complementar as suas memórias, vemos isso no início dos capítulos um, três, cinco e nove:

Capítulo 1: TANTO ME CONTARAM A história que ela se transformou na minha primeira recordação da infância; Capítulo 3: DIZIAM QUE FORA MINHA mãe que antes de morrer pedira para que eu não fosse criado com meu pai. Fiquei assim no engenho do meu avô, aos cuidados da tia Maria; Capítulo 5: AS CONVERSAS DAS NEGRAS foram as primeiras crônicas que me deram notícias da minha família; Capítulo 9: OUTRO CENTRO DE CONVERSAS que muito me prendia era a destilação (REGO, 2011, p. 21; 23; 29; 34; grifos do autor).

Conforme as passagens, vemos que, na abertura de cada capítulo, o autor, provavelmente, de forma intencional, destaca o início de cada sentença em letras maiúsculas. Vejamos, se observarmos atentamente, percebemos que os enunciados “TANTO ME CONTARAM”, “DIZIAM QUE FORA MINHA”, “AS CONVERSAS DAS NEGRAS”, “OUTRO CENTRO DE CONVERSAS” (REGO, 2011, p. 21; 23; 29; 34); inferem que alguém sempre está auxiliando o narrador-protagonista no relato tanto das suas memórias quanto das memórias dos que compõem o seu projeto memorialístico; denotando, por conseguinte, uma certa dependência do personagem no que concerne ao discurso de alguém para reafirmar o seu, ou as narrativas de outros para complementar a sua. Uma vez que, “a memória, bem o sabemos, é um teatro pessoal e se fabricada através de reconstituições íntimas ou míticas” (FARGE, 2011, p. 78). Dessa maneira, identificamos, com esses fragmentos, o que Michael Pollak, em *Memória e Identidade Social* (1992), chama de “memória herdada e fontes orais”.

A respeito da memória herdada, Michael Pollak (1992) afirma que: “[...] é perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização

histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada [...]” (POLLAK, 1992, p. 201). É o que, de certo modo, acontece na narrativa de José Lins do Rego (2011). Isto é, além das memórias autobiográficas, Dedé narra sobre personagens que compunham um quadro de sua memória, fazendo uma contextualização sócio, histórico, político e cultural do momento em que decorreu os seus verdes anos, a saber: os engenhos de cana-de-açúcar; a presença de escravos livres nos engenhos e fazendas; a existência dos cangaços, dos coronéis, dos beatos; o patriarcalismo vigente; a construção da ferrovia; o regime político ditatorial (Cf. REGO, 2011). Ou seja, o que Michael Pollak (1992) classifica como “socialização histórica e política”, que faz parte, de certa maneira, da memória herdada como defendido pelo teórico.

No que consiste às fontes orais, conseguimos identificar a frequente recorrência do narrador-protagonista ao grupo do qual ele pertence, para que, dessa forma, ele consiga tecer uma narrativa das memórias. Sendo essas memórias, portanto, compostas pelo relato oral dos membros do seu grupo e de outros, tais como: as suas tias, os empregados da fazenda do seu avô materno Bubu, os seus parentes, os amigos e os forasteiros que visitavam o engenho Corredor (Cf. REGO, 2011). O que, de certo modo, evidencia a valorização dessas fontes orais pelo personagem central e, conseqüentemente, pelo autor do romance. Tendo em vista que, no cerne dessa discussão sobre “fontes orais” e “fontes escritas”, de acordo com Maurice Halbwachs (1990) e Michael Pollak (1992), há um frequente conflito entre estudiosos do discurso histórico a respeito da valorização das fontes escritas, bem como, a desvalorização das fontes orais. Isso nos faz lembrar sobre o que Jaques Le Goff (1990) discute sobre “documento” e “monumento”.

### **O relato de si e do outro: uma síntese sobre o testemunho na narrativa reguiana**

Além da presença das memórias individual, coletiva e histórica na obra romanesca em estudo, configurando-a, conforme as concepções de Alfredo Bosi (1994), como um “romance memorialista” – “o memorialismo oriundo da vontade pessoal e o regionalismo sociológico advindo do compromisso ideológico” (SILVA, 2013, p. 74) –, conseguimos identificar outro aspecto que nos remete ao que Paul Ricoeur (2007) denomina como o “testemunho”. Dessa forma, tendo esse último uma relação intrínseca com a memória – pelos menos é o que constatamos na análise do nosso *corpus*, ao levarmos em

consideração as reflexões de Maurice Halbwachs (1990) e Paul Ricoeur (2007) em relação ao testemunho –, os testemunhos em *Meus Verdes Anos* (2011) apresentam-se como um dos fios condutores na obra reguiana, tendo em vista que a memória é um deles. Pois, é a partir dos relatos das pessoas do seu grupo e de grupos ao seu redor, que o Dedé – além de ser protagonista, tem também a função de narrador-personagem – nos apresentando com testemunhos sobre as suas próprias experiências de sua tenra infância e da vivência de outrem na Paraíba canavieira do primeiro quartel do século XX.

É importante salientarmos que, são muitos os testemunhos que encontramos ao longo desse romance reguiano, mas elencaremos, a seguir, alguns que nos chamaram mais atenção – não porque os demais sejam menos importantes, mas porque alguns dos que selecionamos estão diretamente ligados à formação identitária do protagonista Dedé, visto que, é “[...] através de pedaços de identidade encontrados, de falas ditas em dois lugares, entre dois males, podemos ver a história se fazer, se improvisar [...]” (FARGE, 2011, p. 80) –, dentre eles: o testemunho da negra Galdina a respeito da vinda dela da África; o do negro Isidro; a peste (bexiga) que se espalhou pelos Engenhos de Cana-de-açúcar de toda a Paraíba em 1935; e, com relação à seca de 1907 (Cf. REGO, 2011).

Mas, antes de discutirmos sobre alguns desses elencados, vejamos o que Paul Ricoeur (2007) fala sobre o “testemunho”:

O testemunho nos leva, de um salto, das condições formais ao ‘conteúdo das coisas do passado’ (*praeterita*) das condições de possibilidade ao processo efetivo da construção historiográfica. Com o testemunho, inaugura-se um processo epistemológico que parte da memória declarada, passa pelos arquivos e pelos documentos e termina na prova documental (RICOEUR, 2007, p. 170, grifos do autor).

Ao levarmos em consideração as concepções de Paul Ricoeur (2007) sobre o testemunho, conseguimos identificar essas características presentes na obra romanesca em análise. Pois, percebemos que José Lins do Rego (2011) tece em sua narrativa testemunhos não apenas de suas situações pessoais e dos demais personagens que cercam o Dedé, mas que esses testemunhos fazem parte de “acontecimentos vividos por tabela”, como apontado por Michael Pollak (1992), a respeito da memória coletiva e histórica. Dessa maneira, “parece que o real interesse do escritor aqui estudado era a biografia dos seus” (SILVA, 2013, p. 76). Exemplos claros desses testemunhos são os que foram elencados acima, quando Dedé se dispõe a ouvir as histórias de vida de pessoas que faziam parte da classe menos favorecida pertencente a Paraíba canavieira – como é o caso



dos negros recém libertos, mas que ainda trabalham sob circunstâncias desumanas na maioria dos engenhos de cana-de-açúcar –, como das mais bem respeitadas posições sociais, tais como: representantes religiosos, políticos, oficiais de justiça, autoridades civis, e representantes do cangaço (Cf. REGO, 2011).

Com relação ao primeiro testemunho, vemos que, o narrador-protagonista dá voz à personagem feminina nomeada como negra Galdina, tendo essa última a oportunidade de testemunhar a sua vinda da África para o Brasil em um navio negreiro:

[...] A negra Galdina me afirmara que tudo era verdade. Ela também viera assim da Costa d'África. Ah!, como doía nas costas o chicote do homem que mandava nos negros. De manhã se subia para ver o sol. Todos estavam nus e fedia o buraco onde tinham que dormir. Mas de noite ouvia um rumor de bater de asas. Asas brancas que voavam por cima dela. Era o voo das almas que não podiam voar para o céu. Todas as noites elas vinham bater pelas janelas do barco. Elas só podiam voar para o céu, saindo da terra. Os corpos dos que eram sacudidos na profundidade do mar não davam almas nem para o céu nem para o inferno. A negra Galdina, de olhar assim como o da cachorra Baronesa, de beijos caídos, contava para nós as histórias da África. Em língua estranha, soava o gemido da negra vovó. E mexia com os pés inchados, num sacudir de balanceado de terreiro. A prima e eu não entendíamos nada e era como se entendêssemos (REGO, 2011, p. 64).

De acordo com o fragmento, vemos claramente o testemunho da negra Galdina em relação à sua vinda para Brasil como escrava. Isso posto, percebemos que, “[...] a testemunha, clamando a sua fala, parece submergir o [testemunho] por um derramamento demasiado vivo de seus sentimentos [...]” (FARGE, 2011, p. 78, acréscimo nosso). Dessa forma, é importante ressaltarmos que, apesar de já serem negros libertos, a maioria dos engenhos de cana-de-açúcar da Paraíba, no início do século XX, tinham como funcionários os antigos escravos negros e seus descendentes. Portanto, é evidente, ao lermos *Meus Verdes Anos* (2011), os frequentes testemunhos dos funcionários do Coronel José Lins Cavalcanti de Albuquerque sobre os seus antepassados, a sua cultura, os seus costumes, e demais elementos artístico-culturais afrodescendentes. Não obstante, um dos elementos mais presentes no enredo romanesco em análise e nas palavras do narrador-protagonista, é a sua atenção às histórias dos funcionários do seu avô Bubu. O que, de certa maneira, nos remete ao que Michael Pollak (1992), chama de a “valorização das fontes orais”, que, por sua vez, apresenta-se como a força motriz para os testemunhos na obra reguiana.



Um outro testemunho que nos chama atenção ao longo do romance consiste no do negro Isidro, filho de Romana, quando ele relata ao Dedé sobre as suas aventuras pela Paraíba canavieira em processo de industrialização e de conflitos sócio-políticos e civis:

[...] Um seu filho chamado Isidro se empregara com um inglês da estrada de ferro. Fora com o patrão ao Rio e voltara de lá de língua atravessada contando grandezas. O negro Isidro ainda guardava uma farda que vestia na casa do inglês. Mas possuía o dom da narrativa. Tudo o que contava se parecia com a verdade. Como a prima estivera no Rio, vinha ele para nós com as suas histórias cheias de detalhes. Estivera na guerra de Floriano e marchara depois para a guerra de Canudos, onde perdera um braço. O frio do Rio, as frutas do Rio, as mulheres do Rio. Isidro chamava macaxera de aipim, jerimum de abóbora e falava mal dos trens. Trens eram os do Rio, onde havia quarto para se dormir e banheiro. Aquilo é que era trem. A prima exagerava ainda mais. Tudo o que havia no engenho não valia nada (REGO, 2011, p. 65-66).

Ao lermos o trecho, conseguimos observar no testemunho do negro Isidro, relatado pelo narrador-protagonista, a presença de diversos elementos que constituem tanto a memória individual, quanto a coletiva e a histórica. Dessa maneira, tanto a Guerra de Floriano Peixoto (1890) quanto a de Canudos (1896-1897), apresentam-se como eventos históricos contundentes e riquíssimos para o testemunho. Ademais, um aspecto importante ressaltado pelo narrador-protagonista consiste na facilidade de sua testemunha em narrar as suas experiências de vida, confirmando o que estamos discutindo sobre a valorização das fontes orais, por parte José Lins do Rego (2011), bem como, a configuração do testemunho como as “histórias de vida” – fazendo justiça ao título do presente tópico. Pois, vemos que, o testemunho “encontra sua expressão verbal na descrição da cena vivida em uma narração [...] pois a cena narra a si mesma nos termos da distinção proposta por Benveniste entre narrativa e discurso” (RICOEUR, 2007, p. 172).

Então, com relação à essa frequente narrativa e conversação nos testemunhos que o Dedé presencia ao ouvir as suas testemunhas, Paul Ricoeur (2007) afirma que:

[...] O uso corrente na conversação comum preserva melhor os traços essenciais do ato de testemunhar que Dulong resume na seguinte definição: ‘Uma narrativa autobiográfica é autenticada de um acontecimento passado, seja essa narrativa realizada com condições informais ou formais’ (*Le Témoin Oculaire*, p. 43) (RICOEUR, 2007, p. 172, grifos do autor).

Dessarte, ao levamos em consideração a concepção de Paul Ricoeur (2007) e os dois testemunhos analisados, vemos que, essa conversação no ato de testemunhar presente na narrativa reguiana é uma característica comum nos demais testemunhos durante todo o seu romance. Pois, como já mencionado, o narrador-protagonista recorre às lembranças dos funcionários do seu avô Bubu que o cercavam, como a exemplo da negra Galdina e do negro Isidro.

Isso posto, ao recorremos ao relato biográfico de Benjamin Abdala Júnior (2011) sobre as lembranças dos verdes anos que alimentaram às substâncias das memórias do escritor paraibano, José Lins do Rego: “[...] aprendeu as primeiras crônicas familiares através das conversas das criadas. Fascinavam-no, em especial, as histórias das velha Tontônia, narrativas em versos originárias do cancionero ibérico [...]” (ABDALA JR., 2011, p. 192-193). Nasce e floresce daí, portanto, esse desejo por histórias sobre as experiências de vidas de outrem que José Lins do Rego ficcional em obras como *O Menino de Engenho* (1932) e *Doidinho* (1933), tal como no romance em análise.

Destacamos, também, um outro testemunho que, ao mesmo tempo, contém as características já discutidas por nós no tópico anterior no que concerne à memória individual, coletiva e histórica, que consiste na peste (bexiga) de 1935 que assolou os Engenhos de Cana-de-açúcar da Paraíba:

Mas naquela tarde correra a notícia de que caíra uma mulher na rua da Palha com bexiga da peste. A vila alarmou-se. O hospital de isolamento, uma casa no meio da caatinga, ficava bem no alto. Avistava-se ele pintado de branco. A bexiga apavorou todo o mundo. A mulher havia chegado de Santa Rita e logo que descobriram o caso levaram a infeliz para o alto. O povo começou a tomar as suas providências. Não havia casa que não queimasse na porta bosta de boi em caco de barro. A fumaça defumava o ambiente carregado. Não deixavam mais os meninos empinar papagaio porque os ventos traziam germes da peste. A minha tia não botava a cabeça fora de casa. Fecharam as janelas da frente e no quintal subia a fumaça dos defumadores (REGO, 2011, p. 179).

E, mais adiante, o narrador-protagonista Dedé ainda acrescenta o seguinte a respeito de como a população dos engenhos lidou com essa peste que os assolava, além das prováveis medidas de contingência que o poder público executou:

Dois dias depois chegaram da Paraíba os homens da vacina. Ficaram no mercado e o povo ia aos magotes se vacinar. Incharam-me nos braços as postemas e tive até febre. A tia Naninha não podia olhar o hospital. Vinham-lhe ânsias de vômito. Os vacinadores metiam medo. E quando saíram para os engenhos aliviaram a vila. Chegavam boatos de

Serrinha, onde se afirmava que morriam mais de dez pessoas por dia. A bexiga embrenhara-se pelas matas e fora matar um morador do engenho Velho, homem que nunca saía de casa. Estávamos sob o terror da peste. Firmina não se perturbava porque já assistira a uma epidemia em Cabedelo, chegando a tratar de uma cunhada atacada do mal. Uma manhã vimos um lençol branco estendido numa árvore próximo do isolamento. Deu-me um frio no coração. Aquilo devia ser mortalha para bexiguento [...] (REGO, 2011, p. 179-180).

Ao levarmos em conta a nossa interpretação crítico-reflexiva sobre o enredo reguiano em estudo, vemos que, em ambos os trechos, o narrador-personagem infere que esse testemunho é seu. Pois, ele presenciou todos esses acontecimentos, o que corrobora com o que apontamos a respeito de nossa ideia-tese, de que, além de a obra em estudo ser composta por memórias e testemunhos do Dedé, a narração de experiências de vida e testemunhos de outrem, desse maneira, nos ilustra aspectos sócio, histórico, político e culturais que datam da infância do escritor paraibano; bem como, sobre recorte histórico propriamente dito do qual José Lins do Rego elegeu para ambientar a sua obra memorialística.

Em consequência disso, esse testemunho da peste no Engenhos de Cana-de-açúcar da Paraíba nos revela, de antemão, a real vivência e sofrimento do povo paraibano em meio a um contexto em que as pessoas desfavorecidas economicamente estavam totalmente à mercê dos senhores da terra e dos senhores de engenhos de cana-de-açúcar. Portanto, “[...] Tal prosa centra-se na descrição das estruturas de poder em recantos marginalizados, bem como nas condições naturais e sociais que determinam a miséria da maioria da população, subjugada, impotente e explorada” (SILVA, 2013, p. 71).

Em adição, outro testemunho que nos chama a atenção em *Meus Verdes Anos* (2011), consiste no do próprio Dedé sobre a seca de 1907:

[...] As secas puxadas podiam até extinguir as sementes de cana. A maior, a que dera a meu avô momentos de desespero, foi, se não me engano, a de 1907. Sei que nem havia farinha nas feiras por preço nenhum. A calamidade atingira o Corredor em cheio. Aparecera a chamada ‘farinha do barco’ trazida do sul do país em navio. Só comia dela o povo, para não morrer de fome. Era grossa e azeda. Os trabalhadores apareciam de olhos fundos. A gente de Crumataú descera para o refúgio do engenho parado. O meu avô pagava um dia de serviço com uma moeda de cruzado. E dava mel de furo ao povo. A destilação parou de fazer cachaça para que a matéria-prima servisse de alimento aos necessitados. Desciam do sertão pela estrada levadas e levadas de pobres famintos. Pela primeira vez vi de perto a fome. Meninos nos ossos, mulheres desnudas e homens arrastando-se sem forças. Paravam por

debaixo do engenho e meu avô mandava distribuir farinha do barco com mel de furo (REGO, 2011, p. 53).

Destarte, ao refletirmos sobre o fragmento, conseguimos identificar o sentimento do Dedé diante das dificuldades que os mais necessitados passavam no seu contexto sócio-histórico. Desse modo, vemos que, “[...] trata-se de uma literatura de esquerda, não preocupada com os dramas e as experiências de um indivíduo, mas com o corpo social e sua miséria” (SILVA, 2013, p. 71). Contudo, além de um testemunho comovente, percebemos que o narrador-protagonista o endossa com uma riqueza de detalhes que, talvez, aquele não fosse totalmente ficcional.

Pois, segundo Afonso Fávero (2001, p. 01), “[...] configurado o espaço, as situações mais específicas da região, notadamente as problemáticas como a seca, a fome, a febre, ajudam a definir a paisagem com a dramaticidade que comportam [...]”. Inobstante, de acordo com Talles Silva (2013, p. 74), ele afirma que acontece “[...] isso porque o escritor paraibano, comprometido com seu projeto artístico e político, empreende esforços para retratar as labutas de seu povo [...]”; o que, de certa forma, encontra-se explícito no excerto analisado acima e que se configura como uma das temáticas da obra reguiana em tela.

Levando em consideração o testemunho sobre a seca de 1907 e as reflexões de Paul Ricoeur (2007), identificamos que há, no testemunho, uma especificidade no que diz respeito ao aspecto da possível veracidade dos acontecimentos tipicamente regionais que marcaram a vida do narrador-protagonista, de forma a nos explicitar uma denúncia biográfica com relação ao autor da obra e dos que fizeram parte do seu projeto memorialístico e testemunhal.

### **Considerações finais**

Com relação à memória, na perspectiva de Jaques Le Goff (1990), Michael Pollak (1992), Maurice Halbwachs (1990), Arlette Farge (2011) e Paul Ricoeur (2007), identificamos diversos tipos no romance, a saber: a individual, a coletiva, a autobiográfica, a histórica, dentre outras especificações correspondentes a esses tipos de memória apontados pelos respectivos teóricos. Contudo, constatamos que, é através dessa variedade de tipos de memória que o autor constrói a sua obra de forma não só a consagrá-la como um grande exemplo da literatura modernista, regionalista e memorialista

brasileira, mas como um patrimônio e monumento documental e de metaficção historiográfica sobre um determinado contexto sócio, histórico, político e cultural brasileiro, que consiste, portanto, na representação da Paraíba canvieira na primeira metade do século XX.

No que diz respeito ao testemunho, sob a óptica de Arlette Farge (2011) e Paul Ricoeur (2007), encontramos diversos deles que contribuem de forma significativa para a construção, reconstrução e resgate de um contexto socio, histórico, político e cultural que, outrora, não foi registrado através da literatura brasileira com a mesma intensidade e com a forma peculiar que José Lins do Rego registrou. Tendo em vista que, um dos aspectos que se destacam para a construção dos testemunhos em *Meus Verdes Anos* (2011), é a recorrência às lembranças de indivíduos do seu grupo e de diversos outros que o rodeiam, evidenciando, desse modo, a valorização das fontes orais. Em suma, percebemos que, os testemunhos na obra reguiana em tela se configuram, de fato, pelas histórias e experiências de vida daqueles que fizeram parte do quadro de memórias de José Lins do Rego e, que, de certa maneira, é força motriz para o seu projeto memorialístico e testemunhal.

Em síntese, chegamos às considerações de que as memórias e testemunhos ilustrados pelo narrador-protagonista nos fazem refletir sobre a condição de sujeitos de diversos estratos sociais; indivíduos que, muitas vezes, não são lembrados pela História positivista – isto é, vemos que eles se apresentam como os excluídos da História –, mas, que contribuíram ativamente e de forma significativa para o desenvolvimento político e cultural de um determinado período e lugar. Além disso, como um bom regionalista, José Lins do Rego (2011) não esqueceu de ilustrar, seja pela voz do Dedé ou pelo discurso em viva voz das demais personagens, a situação de subalternidade de pessoas marginalizados no nordeste brasileiro no primeiro quartel do século XX, tais como: os negros, os mais necessitados financeiramente, as mulheres, os agricultores, os idosos, as profissionais do sexo, dentre outros em posição de subalternos presentes no romance reguiano.

## Referências

ABDALA JR., Benjamin. Dados biográficos do autor. In: REGO, José Lins. **Meus verdes anos**: memórias. Apresentação: Fábio Lucas. 9. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011. p. 191-198.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 41. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

CASTELLO, José Aderaldo. **José Lins do Rego: Modernismo e Regionalismo**. São Paulo: Edart, 1961.

FARGE, Arlette. Do acontecimento. *In: Lugares para a história*. Tradução: Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. p. 71-83.

FÁVERO, Afonso Henrique. Os Meus Verdes Anos, de José Lins do Rego. **Revista do GELNE**. Natal, v. 03, n. 01, p. 01- 02, 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9186>. Acesso em: 03 set. 2021.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução: Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Editora Vértice, 1990.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução: Bernardo Leitão et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. Tradução: Monique Augras. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 05, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941>. Acesso em: 18 maio 2021.

REGO, José Lins. **Meus verdes anos: memórias**. Apresentação: Fábio Lucas. 9. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

RICOUER, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Tradução: Alain François et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

SANTOS, Matildes Demétrio dos. Aurea e rastros nas memórias de José Lins do Rego. **Cadernos de Estudos Culturais**. Campo Grande, v. 05, n. 10, p. 125-141, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/3673>. Acesso em: 15 set. 2021.

SILVA, Talles de Paula. O apelo autobiográfico na literatura brasileira: o caso de José Lins do Rego. **Analecta**. Guarapuava, v. 14, n. 01, p. 69- 83, 2013. Disponível em: <https://revistas.unicentro.br/index.php/analecta/article/view/3773>. Acesso em: 15 set. 2021.